

EM LUTA

Secção Portuguesa da Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional

ESPECIAL CORONAVÍRUS
Março 2020

www.emluta.net

**OS LUCROS DOS PATRÕES NÃO
ESTÃO ACIMA DAS NOSSAS VIDAS!**

**NENHUMA RESTRIÇÃO À
ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES!**

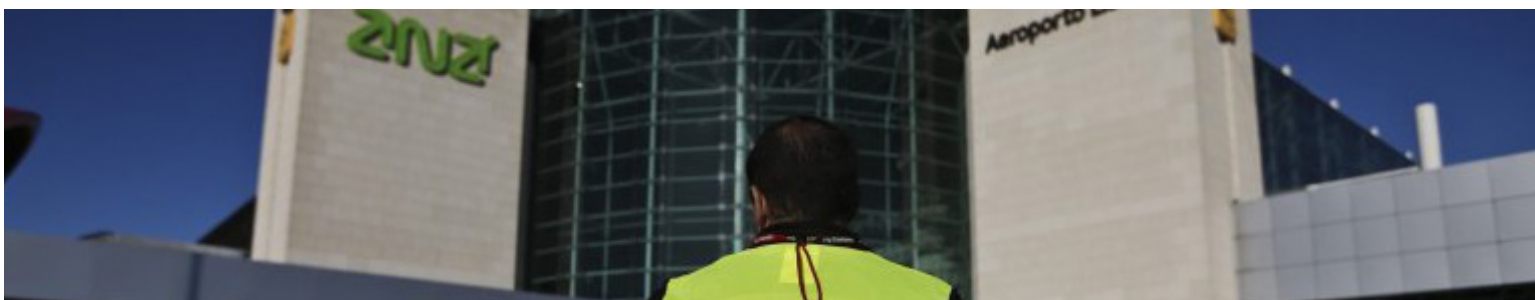
**QUARENTENA
GERAL JÁ!**



ESPECIAL CORONAVÍRUS

Aeroporto: Os trabalhadores não são carne para canhão para o capitalismo continuar a produzir!

O Governo tem dois pesos e duas medidas: fala de contenção social, mas recusa-se a parar todas as empresas e serviços não essenciais, apesar das concentrações de milhares de trabalhadores. Fala de medidas de saúde, mas não obriga as empresas a garantir material de proteção a quem trabalha.



Os aeroportos são um dos centros desta contradição: concentram milhares de trabalhadores, são lugares de circulação de milhares de passageiros diariamente, são a principal porta de entrada de pessoas no país. São, por isso, um ponto fulcral de entrada e propagação do vírus.

AUSÊNCIA DE PROTEÇÃO A QUEM TRABALHA

No país fecharam-se escolas e exigem-se distâncias mínimas e controlo de entradas em supermercados e bancos. Mas nos nossos aeroportos (e dentro dos aviões) não há medidas de distanciamento mínimo que protejam passageiros e trabalhadores.

Além disso, não há proteção extra de quem trabalha: não há máscaras, luvas ou gel desinfetante, apesar de os funcionários lidarem com passageiros, malas e documentos – tudo centros de propagação do vírus. Mais grave ainda: em empresas como a Grounforce (que faz a assistên-

cia em terra da TAP, Lufthansa, British Airways, Airfrance, etc.), a Administração não só não forneceu materiais de proteção como proibiu o seu uso pelos funcionários. Veja-se que, recentemente, um piloto da TAP foi confirmado como contagiado e aqueles que com ele realizaram o voo continuaram a trabalhar normalmente. Situação semelhante denunciaram também os estivadores, que afirmam não ter acesso a qualquer material de proteção, apesar de manusearem mercadorias de todo o mundo. O mesmo acontece com os motoristas de mercadorias, em particular os internacionais, que viajam por todos os locais de focos mais fortes de contágio sem qualquer proteção ou qualquer medida de acompanhamento à entrada no país. Ou seja, os trabalhadores são chamados a manter os lucros dos patrões, sem poderem proteger a sua saúde e a saúde dos seus.

REIVINDICAÇÕES

O turismo não está acima das nossas vidas!

EM LUTA POR:

• Direito à proteção de quem trabalha, já.

Materiais de proteção garantidos pelas empresas (máscaras, luvas, gel desinfetante), reforço de medidas de higienização dos aviões e espaços aeroportuários, fim do registro biométrico, readequação da lotação dos transportes (aviões e internos ao aeroporto)

• Aeroportos, portos e transportes públicos a funcionar apenas em serviços mínimos e essenciais.

Os aeroportos são infraestruturas críticas na atual conjuntura. Por isso, devem realizar apenas voos de caráter urgente e essencial, como voos para

a Madeira, Açores e casos médicos, por exemplo. As organizações dos trabalhadores devem organizar-se para gerir entre si a garantia da prestação dos referidos serviços e a sua organização.

• Não ao dinheiro público para salvar lucros de privados. Plano de nacionalizações que garanta as empresas essenciais e os postos de trabalho! Renacionalização da TAP, sem indemnização e sob controlo dos trabalhadores! Retorno da ANA Aeroportos à gestão pública!

• Se o Governo e os patrões não querem parar, que sejam os trabalhadores a decidir se param ou não!

AVIAÇÃO

Os voos fantasma e aeroportos a “100%”

O Governo proibiu o desembarque de cruzeiros, mas mantém os aeroportos em funcionamento sem qualquer restrição e sem sequer colocar medidas de higienização extra. Aliás, o Aeroporto de Lisboa

tem hoje cada vez menos casas de banho abertas por falta de limpeza.

Além disso, devido à pandemia do coronavírus, a aviação é um dos setores afetados economicamente de forma

direta. No entanto, a irracionalidade do capitalismo é tal que as empresas continuam a voar mesmo com aviões quase vazios – gastando recursos de combustível e obrigando a um esforço e exposição desneces-

sários dos recursos humanos. Porquê? Porque, se deixarem de realizar os voos, perdem os slots aeroportuários (o direito de pousar ou decolar em determinado intervalo horário em aeroportos).

ESPECIAL CORONAVÍRUS

Para não dar boleia ao vírus, parar a produção no sector automóvel!

Se já atravessávamos momentos conturbados no setor automóvel, a reação das empresas e do Governo ao coronavírus veio criar o caos.

GOVERNO: UM PLANO DE CONTINGÊNCIA FAKE

Desde o início desta crise que a reação dos governos foi a reboque da pressão, ou mesmo imposição, que muitos trabalhadores foram fazendo de norte a sul do país. Perante uma situação de alto risco para a saúde pública, o Governo apenas protegeu as empresas. Ao mesmo tempo, deixou os trabalhadores desprotegidos.

Ao manter a produção depois de fechar escolas, de acordo com a vontade dos patrões, o Governo demonstrou as fragilidades de um plano de contingência que, na prática, colocou o lucro e a produção das empresas à frente da vida e da saúde dos trabalhadores.

A GANÂNCIA DOS PATRÕES CONTRA A SAÚDE PÚBLICA... ASSIM É O CAPITALISMO

As empresas deram rédea solta à cegueira do lucro. Algumas tomaram medidas paliativas, mas na linha de produção continuou a mesma selvajaria, sem qualquer preocupação pelo contágio dos trabalhadores e das suas famílias e ameaçando a saúde pública no país.

Mais uma vez o capitalismo não passou a prova. Ficou visível aos olhos de todos os trabalhadores que este sistema não é capaz de assegurar as mínimas condições à maioria da população, pondo tudo e todos em risco diante da sua ganância desenfreada pelo lucro.

ORGANIZAÇÃO

Uma resposta dos trabalhadores contra esta crise

Ainda estamos no início. Tem de continuar a existir uma resposta da parte dos trabalhadores. É necessário que falem a uma só voz, em vez de enfrentarem esta situação de costas voltadas. Existe uma necessidade de manter a paralisação da produção até pelo menos se ter a dimensão deste problema e ao mesmo tempo defender a situação laboral, principalmente dos mais precários. Acima de tudo, há que construir uma ferramenta de luta contra os ataques da patronal que virão na crise económica que se seguirá e que terá a tarefa, não só de resistir,



mas também de apontar para uma solução alternativa ao capitalismo. É esse o desafio que está colocado a todos os trabalhadores perante a crise que vivemos.

TODOS POR TODOS

Reação dos trabalhadores

Contudo, é nestes momentos de crise que se forjam as alternativas. Longe dos holofotes dos media, as centenas de milhares que trabalhavam lado a lado nas linhas de produção começaram a dar resposta. E foram esses que começaram a pressionar para o encerramento das escolas. Foram os trabalhadores que se começaram a organizar para a paragem da produção, foram os trabalhadores que, no seu bairro, começaram a apoiar os idosos mais expostos ao vírus, começaram até a ser organizados grupos técnicos para a construção de ventiladores tão necessários ao tratamento dos casos mais graves desta pandemia. Mais uma vez se demonstra que só os trabalha-

dores podem construir uma solução de organização social e económica superior à ganância do capitalismo.

NO PARQUE INDUSTRIAL DA AUTOEUROPA NÃO FOI DIFERENTE

As empresas continuaram a laborar, ameaçando a vida da população, expondo as fragilidades do Serviço Nacional de Saúde, apoiando-se nas insuficiências das medidas do Governo. Milhares continuaram a partilhar autocarros e refeitórios, a partilhar linhas de montagem e ferramentas sem qualquer tipo de proteção. Paralelamente, os trabalhadores rapidamente se começaram a organizar. Foi assim na cons-

trução de uma petição, que rapidamente chegou aos media; tem sido assim que os trabalhadores da SMP (empresa fornecedora da Volkswagen Autoeuropa) se têm recusado a pegar ao trabalho, inclusive diante das ameaças

das chefias; foi assim que na Volkswagen Autoeuropa se começou a defender abertamente a paragem imediata da produção sem o prejuízo dos contratos mais precários e dos salários dos trabalhadores.



ESPECIAL CORONAVÍRUS

Basta de brincar com a nossa saúde! Quarentena geral, já!

A pandemia do coronavírus confronta-nos de forma dramática com as consequências reais da austeridade e os problemas da governação sob o sistema capitalista no mundo.

Encaramos esta situação depois de largos anos de austeridade, que o Governo da Geringonça e de Costa não reverteram. Foram cortes continuados nos recursos materiais e humanos do Serviço Nacional de Saúde, hoje enfraquecido e depauperado. É a precariedade muito mais generalizada nos locais de trabalho, através de vínculos

laborais mais instáveis e salários mais baixos – trabalhadores que vão trabalhar doentes, porque correm risco de perder o trabalho ou não pagar as contas com as baixas médicas. Por isso, os trabalhadores enfrentam esta crise social e de saúde numa situação de muito maior fragilidade, com uma almofada social muito menor.

INTERESSES DE CLASSE

Costa mais preocupado com os empresários do que com a saúde dos trabalhadores

As preocupações do Governo do país são mais os lucros dos patrões e a proteção às empresas do que a saúde dos trabalhadores. São os lucros capitalistas (que “não podem parar”) que estão a impedir que se tomem medidas de contenção mais sérias, nomeadamente, o fecho de todas as empresas e serviços não essenciais, que são a melhor forma de parar a propagação do vírus. Por exemplo, em Itália, apesar da quarentena em todo o país, as fábricas continuam a trabalhar; os operários de várias fábricas fazem agora greve para que a produção pare e também eles possam estar protegidos. Costa demorou a dar indicação de fecho das escolas e de locais de grandes concentrações de pessoas por causa do impacto económico das mesmas, e até agora não decretou a quarentena geral necessária para parar a propagação. Mas rapidamente se tinha prontificado a passar de 100 para 200 milhões de euros o montante disponível para apoio às empresas afetadas pelo coronavírus. No entanto, a Ministra

da Saúde diz que já tiveram que fortalecer o orçamento da saúde em 10 milhões de euros, como se isso fosse um grande custo. São dois pesos e duas medidas.

Além disso, o Governo rapidamente simplificou o *lay-off* (redução temporária dos períodos de trabalho ou uma suspensão dos contratos de trabalho), ficando os trabalhadores com 2/3 do rendimento (30% a cargos das empresas e 70% a cargo da Segurança Social). As pessoas em isolamento profilático serão pagas a 100%, mas quando doentes são pagas a 55%; se forem trabalhadores a recibos verdes (normalmente falsos) o valor é apenas 1/3 do rendimento! Já os que fiquem em casa devido ao encerramento das escolas receberão apenas 66%. Em qualquer dos casos, significa que são os trabalhadores (e os seus impostos através da Segurança Social a apoiar as empresas) a arcar com os custos desta crise. Os bancos e as grandes empresas limpam as mãos, como sempre fazem.



UNIÃO EUROPEIA

Mais medidas de austeridade, nenhum apoio à saúde

Também a União Europeia mostra claramente a sua verdadeira face. O FMI defendeu medidas de austeridade para Espanha, preocupado com o impacto do coronavírus na economia. O Banco Central Europeu orienta os países a injetarem dinheiro na economia. Nada sobre fortalecer os serviços de saúde e medidas de proteção dos trabalhadores no combate ao coronavírus. Além disso, já falam de aumentar impostos para sustentar os gastos extras do Estado com a respos-

ta à crise do coronavírus. Fica assim claro que se preparam para que sejam os trabalhadores a pagar a fatura das medidas tomadas: se é uma crise social, a resposta tem de ser social e, portanto, que seja o Estado e aqueles que mais têm que a sustentem, e não os trabalhadores. Exigimos que a UE levante todas as restrições de déficit e liberte imediatamente fundos para o reforço dos serviços de saúde e compra urgente de materiais de tratamento e deteção do vírus!

ESPECIAL CORONAVÍRUS

Os lucros dos patrões não estão acima das nossas vidas!

É preciso colocar a saúde à frente dos lucros capitalistas. Recusamos que a crise do coronavírus seja utilizada para atacar empregos e direitos ou sirva de entrada para novos planos de austeridade sobre os trabalhadores ou para pagar os lucros dos capitalistas com dinheiros públicos.

PONTO DE VISTA

Recusar o estado de emergência, contruir uma quarentena dos trabalhadores

O Governo quer dizer-nos que estamos todos no mesmo barco, mas esconde, por trás do interesse geral, os interesses dos banqueiros e patrões. Os trabalhadores estão a garantir a quarentena, prestando os serviços fundamentais; lutam para ter condições de segurança e para parar nos serviços não essenciais em nome da saúde de todos. Por isso, recusamos o estado de emergência e qualquer

utilização de medidas repressivas sobre os trabalhadores e as periferias a propósito do coronavírus. Se estão a tentar colocar a crise nas nossas costas, temos o direito de nos organizarmos e mobilizarmos. É importante que a quarentena e o apoio aos que mais precisam sejam garantidos pelos trabalhadores e moradores dos bairros, com apoio dos profissionais de saúde.

POLÉMICA

Não bastam medidas parciais, é preciso parar a economia para parar o vírus!

PCP e BE, bem como as centrais sindicais, limitam-se a exigir medidas paliativas. Defendem proteção aos precários (BE) e para conter os lay-offs (CGTP), mas recusam-se a enfrentar os interesses dos patrões que estão a impedir que sejam tomadas medidas para parar a propagação do vírus e proteger os trabalhadores. Por isso, nenhum deles exige o fecho dos serviços não essenciais e a redução a mínimos de serviços fundamentais como

aeroportos, portos, bancos, higiene urbana, entre outros. Não atacam os dois pesos e duas medidas do Governo: para proteger os lucros dos capitalistas, não protege os trabalhadores. Por isso, PCP, BE e CGTP e demais sindicatos devem exigir a paragem de todos os serviços não fundamentais e a proteção real (com material de proteção garantido pelas empresas) dos trabalhadores que se mantenham ao serviço.



EM LUTA POR:

QUARENTENA IMEDIATA!

Paragem da economia até a crise de saúde estar contida! Encerramento de todas as empresas e serviços não fundamentais. Garantia de funcionamento dos serviços essenciais em mínimos necessários, com medidas de proteção garantidas aos seus funcionários (máscaras, luvas, desinfeção, etc.).

SÓ UM SNS FORTE E COM FUNDOS PODE CONTER OS IMPACTOS DRAMÁTICOS DESTA PANDEMIA.

Reforço imediato de material médico! Contratação de todo o pessoal médico necessário e pagamento acrescido das horas extra. Requisição pública imediata de hospitais e laboratórios privados para internamento e aceleração do tratamento das análises e, em caso de recusa, nacionalização dos mesmos. Reforço da linha Saúde 24 e gestão e controlo total da mesma pelo Estado, não por privados. Desburocratização e ampliação dos critérios por decisão médica para realização dos testes aos possíveis afetados, hoje sujeitos a autorização da DGS.

CONGELAMENTO DO PREÇO DOS BENS ESSENCIAIS!

Controlo das grandes superfícies comerciais e mercados para garantir o abastecimento e evitar especulação.

NENHUM DESPEDIMENTO E NENHUMA PERDA DE DIREITOS ATÉ AO FIM DA CRISE DO CORONAVÍRUS

Pagamento de todas as baixas médicas a 100% em todas as relações com o coronavírus (contágio, prevenção, apoio à família ou encerramento de locais de trabalho ou estudo), incluindo trabalhadores precários e recibos verdes. Recusa do recurso ao *lay-off* ou aos bancos de horas pelas empresas. Proibição de despedimentos e de não renovação de contratos durante o período de crise do coronavírus.

SUSPENSÃO IMEDIATA DOS DESPEJOS

Suspensão imediata do pagamento dos créditos habitação para todos os trabalhadores que percam rendimentos devido ao coronavírus.

SUSPENSÃO DO PAGAMENTO DA DÍVIDA E DAS POLÍTICAS DO DÉFICE ZERO

Gerar fundos imediatos para o combate ao coronavírus.

RETIFICAÇÃO IMEDIATA DO ORÇAMENTO DO ESTADO PARA 2020

Cativar o dinheiro de injeção no Novo Banco para garantir as baixas a 100% a todos os trabalhadores em quarentena e o orçamento necessário para reforçar o SNS e os seus profissionais!

ESPECIAL CORONAVÍRUS

ENTREVISTA

“Para que os nossos objetivos comuns sejam atingidos, temos de colocar, de vez, a vida à frente do lucro”

Perante a pandemia do coronavírus, dependemos do Serviço Nacional de Saúde (SNS) para enfrentar a situação. Entrevistámos Hugo Bastos, médico psiquiatra do Centro Hospitalar Universitário do Algarve, sobre as atuais medidas em curso.

EM QUE CONDIÇÕES ESTÁ O SNS A ENCARAR ESTA PANDEMIA? E, DENTRO DISSO, COMO SE ESTÃO A ORGANIZAR OS TRABALHADORES PARA RESPONDER?

Os profissionais que compõem o Serviço Nacional de Saúde estão a encarar esta pandemia com bastante apreensão, mas também com enorme sentido de responsabilidade.

Estamos preocupados porque já trabalhamos habitualmente com recursos muito escassos, decorrente de um crónico subfinanciamento (em condições normais já faltam profissionais e equipamentos) e, se as medidas de contenção da propagação do vírus não forem cumpridas, tememos que o número de doentes aumente de uma forma demasiado rápida para conseguirmos garantir os cuidados necessários a todos.

Estamos também preocupados porque, pelo menos até agora, as respostas políticas foram sempre titubeantes e em reação aos acontecimentos, quando deveriam ter sido tomadas de forma mais proativa. Apesar da epidemia já se estar a desenvolver há várias semanas, nomeadamente na

Itália, a preparação prévia foi claramente insuficiente. Agora, todos os hospitais estão a elaborar planos de contingência para dar resposta à situação, mas os profissionais continuam a notar que não há um plano concertado por parte das autoridades nacionais, o que leva a que cada hospital tenha de se organizar por si e, dentro de cada hospital, são os profissionais que, pela base, se estão a organizar.

Suspendemos toda a atividade clínica presencial que não seja urgente, substituindo-a, sempre que possível, por consultas por telefone. Muitos profissionais estão a receber formação para poderem reforçar as linhas telefónicas: a SNS24, para a população em geral, e a LAM (Linha de Apoio ao Médico), que é a linha para onde nós temos de ligar sempre que estamos perante um caso suspeito de COVID-19, de forma a que este possa ser validado como suspeito, para que possa aceder ao teste de diagnóstico e se sigam a partir daí os procedimentos previstos. Outros profissionais estão a preparar-se para reforçar as equipas de urgência e as enfermarias onde serão internados os doentes, caso a situação evolua como está a acontecer

em Itália ou Espanha. No caso dos profissionais de saúde mental, estamos a preparar vários modelos de intervenção, para diminuir as consequências psicológicas desta crise na população e também nos próprios profissionais.

Mas muitas destas iniciativas estão a partir dos próprios profissionais, inclusivamente através de grupos nas redes sociais (nas últimas horas foram criadas várias plataformas, incluindo algumas que juntam médicos portugueses e espanhóis, por exemplo), sem que se note uma boa coordenação dos órgãos de decisão nacionais.

Por outro lado, estamos a organizar a gestão de recursos humanos a prazo (o próprio Governo já admitiu como cenário mais provável que o pico da crise só se atingirá em Maio), uma vez que, pela sua exposição permanente aos doentes infetados, muitos profissionais de saúde poderão adoecer, ou ter de ser colocados em quarentena. A preocupação com a possibilidade de também nós, profissionais, adoecermos é reforçada pela escassez, até ao momento, dos equipamentos de proteção individual, que tardam em chegar aos hospi-

tais (o que também já tem vindo a ser admitido pela Ministra da Saúde).

POR QUE RAZÃO É TÃO IMPORTANTE A QUARENTENA GERAL?

Várias entidades internacionais, incluindo a OMS, admitem que este vírus veio para ficar. O que significa que 40 a 70% da população mundial pode vir a ser infetada. 80% dos casos de infeção darão origem apenas a um quadro de sintomas ligeiros. O problema é que entre 5 a 10% dos doentes evoluirão para casos graves, com necessidade de internamento hospitalar, nomeadamente em unidades de cuidados intensivos, muitas vezes com necessidade de ventilação mecânica.

Por isso é que se tem falado tanto da necessidade de se fazerem todos os esforços para atrasar a progressão da pandemia e se tem falado tanto das curvas de crescimento exponencial do número de casos e da necessidade de se “achatar a curva”. Ou seja, é completamente diferente se tivermos um pico de 10 mil casos numa semana, ou 10 mil casos, mas repartidos por várias semanas. Se muitas pessoas forem infetadas num curto período



ENTREVISTA (cont.)

“ PARA QUE AS PESSOAS POSSAM, DE FACTO, FICAR EM CASA TÊM DE TER CONDIÇÕES PARA ISSO. OS APOIOS SOCIAIS ATÉ AGORA ANUNCIADOS SÃO INSUFICIENTES E OS TRABALHADORES QUE SE VÊM FORÇADOS A CONTINUAR A TRABALHAR ESTÃO A PÔR EM CAUSA A SUA SAÚDE E A DE TODA A POPULAÇÃO.

de tempo, o número de casos graves vai claramente ultrapassar a capacidade de resposta dos serviços de saúde e a mortalidade vai aumentar. De Itália, chegam relatos assustadores de como os médicos têm de decidir quem tem direito aos poucos ventiladores disponíveis. É essa situação que todos temos de evitar. Se conseguirmos atrasar a progressão da infecção, mesmo que até ao final do ano o número total de infetados seja semelhante, desde que estes se vão repartindo ao longo do tempo, os cuidados de saúde prestados a cada doente grave serão muito melhores e as consequências serão minimizadas. Para além disso, o atraso na progressão da infecção poderá dar mais tempo para que surjam medicamentos eficazes e, até, uma vacina. As medidas restritivas que têm vindo a ser defendidas têm como objetivo afastar as pessoas e diminuir os contactos entre elas, precisamente porque esta é a única forma que temos até ao momento para conseguirmos atrasar a progressão da pandemia. É importante lembrar que as pessoas podem transmitir a doença sem saberem

que estão infetadas, quando só têm sintomas ligeiros ou (como parece ser o caso nas crianças) sem sintomas nenhuns. Apesar de tudo, Portugal reagiu mais cedo do que outros países e a população parece estar a perceber a importância destas medidas.

O QUE É QUE É FUNDAMENTAL O GOVERNO FAZER? QUE MEDIDAS FUNDAMENTAIS DEVE TOMAR?

No que toca às decisões políticas não diretamente relacionadas com os serviços de saúde, o Governo poderá ter de equacionar a implementação de medidas ainda mais restritivas em relação aos movimentos/atividades económicas. Estas serão tanto mais eficazes e terão menor impacto na saúde (física e psíquica) da população quanto mais forem acompanhadas de medidas que diminuam o impacto económico negativo na vida da população.

Para que as pessoas possam, de facto, ficar em casa têm de ter condições para isso. Os apoios sociais até agora anunciados são insuficientes e os trabalhadores que se vêm forçados a continuar a trabalhar estão a pôr em causa a sua saúde e a de toda a população.

No que toca diretamente à saúde, neste momento não é possível reverter todos os problemas que decorrem do crónico subfinanciamento do SNS. Por exemplo, não é possível eliminar completamente a escassez de profissionais e equipamentos no espaço de dias ou poucas semanas, simplesmente porque não os conseguimos formar ou produzir assim. Mas, para além de ser importante retirar daqui uma lição, que convém não ficar esquecida depois de ultrapassarmos esta crise, há medidas que podem ser tomadas agora e que poderão melhorar a situação.

Em primeiro lugar, tem de

haver um reforço orçamental imediato para os hospitais e centros de saúde do SNS. Este reforço permitirá proceder à contratação rápida de profissionais de saúde e técnicos operacionais, bem como garantir a existência de materiais consumíveis, nomeadamente todos os equipamentos de proteção (luvas, máscaras, produtos para higienização das pessoas e dos espaços), meios de diagnóstico e medicação.

Para além disso, o Governo tem de garantir que todos os recursos de saúde existentes no país estão disponíveis. O que significa que os profissionais e recursos materiais que existem nos hospitais/clínicas privadas têm de poder ser utilizados em prol de todos e não apenas dos que os podem pagar.

Por fim, queria ainda acrescentar que todos os momentos de crise nos colocam perante

vários cenários possíveis. Esta pandemia não é exceção. Podemos reagir a ela com medo e isso trará o risco de aumentarem comportamentos racistas, xenófobos ou egoístas (açambarcamento de produtos, especulação nos preços). Para além disso, esta crise de saúde pública irá causar uma crise económica, que os governos poderão querer resolver às custas de quem trabalha e menos tem.

Por outro lado, podemos ver nesta situação um exemplo claro de como a Humanidade é uma só e as respostas às crises globais exigem esforços internacionais de solidariedade e de partilha. Podemos perceber como só a ciência e a informação credível podem trazer conhecimento útil, mas para que os nossos objetivos comuns sejam atingidos, temos de facto de colocar, de vez, a vida à frente do lucro.



ESPECIAL CORONAVÍRUS

Doença, dívida e recessão

As doenças e mortes resultantes do COVID-19 não são a verdadeira preocupação dos grandes capitalistas. Estes preocupam-se mais se essa epidemia pode ser o gatilho de uma grande recessão ou da queda da economia, a primeira desde a Grande Recessão de 2008-9.

É assim porque a epidemia ocorre exatamente no momento em que as principais economias capitalistas já parecem muito fracas. A economia capitalista mundial já diminuiu para uma velocidade de quase 2,5% ao ano. Os EUA estão crescendo apenas 2% ao ano, Europa e Japão apenas 1%; e as principais economias emergentes do Brasil, México, Turquia, Argentina, África do Sul e Rússia estão basicamente estáticas. As enormes economias da Índia e da China também desaceleraram significativamente no ano passado. E agora

a paralisia provocado pelo COVID-19 empurrou a economia chinesa para um barranco. Combinado com isso há a dí-

as empresas têm recorrido a um excesso de empréstimos. Uma dívida enorme, particularmente no setor corporativo,

capital cair drasticamente. Portanto, se as vendas caírem, as cadeias de suprimentos forem interrompidas e a lucratividade cair ainda mais, essas empresas fortemente endividadas poderão entrar em colapso. Isso atingiria os mercados de crédito e os bancos e provocaria um colapso financeiro. E mais uma vez estaríamos confrontados com novas medidas de "austeridade" para conter a crise.



vida. Nesta década de baixas taxas de juros (até negativas), é uma receita para um grave colapso se a rentabilidade do

Os trabalhadores não podem pagar pela crise!

O capitalismo mata, morte ao capitalismo

O capitalismo com a sua barbárie é o legítimo pai do coronavírus. É um sistema que destrói o homem e o ambiente no qual vivemos, contrapõe a produção para o lucro com a salvaguarda do planeta, abrindo a caixa de pandora da qual escapam novas enfermidades e epidemias.

Este sistema bárbaro, baseado na divisão de classes na sociedade, produz monstros que

não podem enfrentar. Ao ser um sistema baseado no lucro de um punhado de multimilio-

nário, o capitalismo não quer – e não pode – deter a produção destinada para o lucro. Por isso, as zonas vermelhas, laranjas e amarelas e as medidas dos governos burgueses não detêm o contágio: porque aos trabalhadores exigem que não convivam depois do trabalho e, ao mesmo tempo, que se amontoem em silêncio nas fábricas e oficinas durante as horas de trabalho.

É necessário um Governo dos trabalhadores e trabalhadoras, o único capaz não só de por fim a destruição do planeta e

do homem, mas também, na desastrosa situação, de tomar as medidas realmente necessárias no imediato: deter a produção (com a exceção dos bens de primeira necessidade), deter realmente o transporte, interrompendo assim realmente a cadeia de contágio do vírus; atribuir os milhares de milhões necessários para as instalações adequadas para tratar aqueles que já estão doentes. Um governo que imediatamente encontraria recursos expropriando aos grandes industriais e banqueiros.



LÊ MAIS:

<https://www.pstu.org.br/doenca-divida-e-recessao/>

<https://litci.org/es/menu/lit-ci-y-partidos/partidos/pdac-italia/detener-el-capitalismo-para-detener-el-virus/>

CONTRA O CORONAVÍRUS, CONSTRUIR A SOLIDARIEDADE ENTRE TRABALHADORES!

EXCECIONALMENTE, ESTE JORNAL SERÁ GRATUITO E DISTRIBUÍDO DIGITALMENTE DEVIDO À SITUAÇÃO DE PANDEMIA QUE O PAÍS ATRAVESSA

APOIA, CONTRIBUI, LÊ MAIS EM:
WWW.EMLUTA.NET



@JORNALEMLUTA



@EM.LUTA.LIT